Hip Hop, luta de classes e pandemia

ou sobre como (re)politizar a cultura

Endereço este texto aos agentes da cultura Hip Hop; àqueles que desejam pensar ou repensar questões societárias e que inevitavelmente acaba por esbarrar em aspectos estruturais o que complexifica ainda mais as coisas. Sei o quanto é difícil compreender uma série de questões sociais e políticas e o quanto também somos confundidos por diversas fontes duvidosas com intenções das mais variadas o que acontece inclusive no interior da cultura Hip Hop. Reconheço também o quanto somos carentes de um pensamento histórico e sociológico muitas vezes recusado pela vivência das ruas. É necessário aliar as experiências das ruas com a História e consequentemente com a teoria política. Esse é o fundamento das ruas e o verdadeiro compromisso. Por isso é preciso fazer um debate interno, nos qualificarmos sem medo de errar e cada contribuição neste sentido tem sua importância por mais que muitas vezes esteja atravessada por contradições.

Somos nós, produtores, pesquisadores, MC´s, DJ´s, Bboys e Bgirls e grafiteiros que damos vida a cultura. Não há mudança sem estudo e compromisso. Não há qualquer intenção aqui em desqualificar nada nem ninguém, mas o exercício da crítica se não for contundente acaba por compactuar com problemas que precisam ser superados. Entendo também que muitos problemas são causados por uma rejeição mordaz ao pensamento revolucionário o que acaba limitando homens e mulheres aos limites dos parâmetros da legalidade burguesa. A rua e a luta ensinam, a teoria organiza e os trabalhadores revolucionam e assim caminha a História. Não há mudança significativa sem teoria, assim como não há teoria sem mutações sociais. Esse é o primeiro ponto: a cultura Hip Hop precisa se (re)politizar. Já de antemão quero ressaltar que este é um tema bastante amplo e este texto tem a pretensão de ser uma síntese e somente iniciar o debate. Quem quiser se aprofundar terá que mergulhar em leituras muito mais profundas. Quero de alguma forma resumir algumas questões centrais sobre os aspectos gerais da cultura Hip Hop na luta de classes e como consequentemente os seus agentes podem contribuir para a emancipação humana evitando o espetáculo e as disputas mesquinhas dos rappers famosos que não contribuem concretamente para a luta social.

Quem promove a orientação política no seio da cultura Hip Hop e qual é a natureza dessa orientação? Há duas formas possíveis de analisar essa questão. Em primeiro lugar devemos pensar que é o corpo coletivo, nesse caso a junção de todos os elementos da cultura Hip Hop numa dinâmica entre forças conflitantes que dão o caráter da orientação política e estética da cultura. Em segundo lugar devemos perceber que há um setor hegemônico formado pelas diferentes cenas que gozando de influência, prestígio e estrutura material e organizativa influencia diretamente os rumos. Os rappers de uma forma geral são os nossos principais referenciais. Eles são a voz da cultura. Algumas questões devem ser pensadas já te antemão como o que é o Hip Hop, luta de classes, o que é o capitalismo, como funciona e se organiza o Estado burguês e a dominação de classe e que projeto de sociedade deve ser defendido para superar este conjunto de contradições? O que vou fazer aqui é passar superficialmente por algumas dessas questões.

Faço parte da cultura Hip Hop há mais ou menos dezesseis anos e um dos aspectos que mais me preocupa é a precária formação política entre os nossos. Os pontos que venho levantando desde 2008 sobre nossa cultura tem gerado eventuais desgastes a ponto de rompimentos pessoais o que na maioria das vezes se dá por uma péssima disposição ao debate recalcando problemas que ainda podem ser resolvidos, mas não sem confrontos. Não devemos temer este processo. O preço pode ser alto, mas os resultados são de grande valia. Os rompimentos políticos são absolutamente normais e necessários nos processos de disputa por hegemonia. É através da diferenciação que deixamos claro o conjunto de interesses em questão e a forma como estes interesses devem ser defendidos. Os rompimentos se dão por haver incompatibilidade entre as práticas, não sendo, portanto, somente da forma como se decodifica o mundo. Mesmo havendo consenso de que todos querem um mundo melhor não são todos que lutam por este mundo melhor somente por enunciar uma vontade geral de forma abstrata e discursiva. E mesmo aqueles que lutam por um mundo melhor podem na sua prática anular aquilo que afirma gerando a necessidade do rompimento ou de uma reavaliação radical.

Somente uma pessoa muito ingênua pode achar que não existem disputas políticas na cultura. Elas existem e estão se dando agora neste momento a todo vapor. Dessa forma, cada um de nós precisa se posicionar porque o que nos espera ali na frente é algo da ordem do inimaginável, tenebroso, sombrio e somente com organização, força

popular e violência contra nossos inimigos conseguiremos nos emancipar. Já de antemão quero ressaltar aqui que o discurso pacifista e conciliatório muito presente em nosso meio deve ser destruído, desmascarado e superado e os defensores de tais ideais serão jogados na lata do lixo da história. A "revolução interna" defendida pelos pós-modernos é um engodo que beira a tosquice.

Geralmente, por conta de uma formação intelectual precária, as pessoas têm pouca capacidade de abstração o que acaba por levá-las a introjetar a crítica como um problema pessoal (sinal de imaturidade política). Outro motivo também é a exposição de teses fraudulentas defendidas pelos que compõem a cultura Hip Hop, sobretudo os liberais e pós-modernos. O embate fragiliza as sub-celebridades o que pode vir a ruir as convicções internas a ponto de mudar drasticamente os rumos da cultura inevitavelmente fragilizando nossos principais referenciais o que não quer dizer que devemos negá-los em sua totalidade. Quando falo em referenciais quase sempre me refiro aos rappers. Muitos colegas ainda insistem na ideia de que eu quero "julgar" o próximo sem se atentar para os principais problemas em questão. A infantilização do debate político é a principal arma da hegemonia de mercado sobretudo no rap que construiu astros que imbecilizam o público ainda que com uma certa dose de teor crítico. Aceitam e promovem todo o jogo do capital e justificam tal relação pela necessária representatividade, ainda que esta se resuma ao puro simbolismo e esvaziamento das lutas sociais. Ir ao Faustão, fazer propaganda para bancos e transformar a cultura numa mercadoria é sinal de sucesso. Quem critica está apenas recalcado.

O rap infelizmente tornou-se puro espetáculo no pior sentido do termo. Isso serve somente para desviar o foco. Uma das formas que encontrei de buscar contornar essa ideia absurda foi escrevendo e expondo sistematicamente cada ponto, organizando uma teoria crítica. O não-reconhecimento do debate político crítico acaba por apagar interlocutores que incomodam construindo caricaturas ou simplesmente relegando a crítica ao esquecimento fazendo florescer as mesmices e obviedades de sempre. Nesse sentido, a imensa maioria dos rappers são figuras desqualificadas e que não nos oferece grandes reflexões e saídas possíveis. Demonstrei isso claramente em minhas pesquisas ao longo dos últimos doze anos.

Marc Bloch em seu livro de introdução à História explica que o historiador não é juiz, mas sim aquele que compreende criticamente os fatos. Quem ainda pensa que a crítica é apenas um subterfúgio para "julgar" o outro pode abandonar a leitura por aqui. Eu não dediquei minhas pesquisas para os "acadêmicos" como alguns podem pensar ou tampouco para destruir reputações. O respeito em minhas análises sempre prevaleceu. Produzi e sistematizei a crítica da crítica para nós mesmos. Por mais que na minha banca de mestrado o saudoso geógrafo Andrelino Campos (autor da importante obra Do Quilombo à Favela) tenha afirmado que eu não consegui alcançar os meus propósitos de produzir uma crítica da crítica, continuo tentando me comunicar de alguma forma colocando parte daquilo que aprendi nas ruas e universidades para todos que queiram avançar em temas importantes. Sabemos que infelizmente ainda são poucos os leitores que se preocupam com um debate um pouco mais denso, mas é nossa tarefa (dos revolucionários) forçar uma ruptura com o senso comum que impera entre os nossos o que muitas vezes acaba por confundir todos estes numa suposta totalidade quebrando os paradigmas que antes os diferenciava como bem ressaltou Rafael Lopes de Sousa em seu livro A Anticordialidade da República dos Manos e a Estética da Violência. Já tem um bom tempo que venho me dedicando ao assunto, mas apesar de todo o meu cansaço é importante demarcar aqui uma posição para que haja outros referenciais que se contraponham ao modelo neoliberal hegemônico defendido pela grande maioria dos rappers.

Desde 2008 venho escrevendo dezenas de artigos que resultou no meu TCC "Uma Liberdade Chamada Solidão (História-UFF)" e minha dissertação de mestrado "O Ciclo dos Rebeldes: processos de mercantilização do rap no Rio de Janeiro (Educação-FFP-UERJ), que, por ser um trabalho denso e de fôlego, muitas vezes acaba por espantar as pessoas ao invés de aproximar para uma leitura detida sobre os pontos fundamentais que ali abordei. Eu diria sem dúvida que tais trabalhos, apesar de ainda invisibilizados devido a questões políticas, são imprescindíveis para se compreender o processo de mercantilização da cultura, já que a esmagadora maioria dos trabalhos que analisam a cultura Hip Hop são meramente descritivos. Há, claro, também a dificuldade de se decodificar uma série de contextos, teorias, categorias e problemas por uma defasagem maciça da maioria das pessoas em assuntos científicos e históricos o que acaba resultando no prevalecimento dos formadores de opinião que não têm o menor

compromisso com a revolução sendo apenas reprodutores de um discurso demasiadamente desgastado. Pois bem. Vamos por parte.

Há um problema ainda maior que impede o adensamento das questões: o ódio à crítica. Os rappers de um modo geral odeiam ser criticados. Ao passo que são os agentes da cultura os responsáveis diretos pelos caminhos de descaminhos do Hip Hop, do rap e demais elementos, estes não admitem qualquer questionamento sobre suas práticas e isso se tornou um problema maior com a popularização da cultura por conta de um longo processo de mercantilização. A crítica é vista como algo que se propõe a destruir os alicerces da cultura, fragilizando os rappers (e outros elementos) expondo suas debilidades. Muitas vezes também é vista como inveja ou frustração de quem promove. Outras vezes a crítica é vista simplesmente como uma prática racista contra os rappers que geralmente são negros. Se a crítica é promovida por um branco que é de fora da cultura ela é invalidada, tenha o caráter que tiver. Por outro lado, se a crítica é promovida por alguém de dentro (seja negro ou branco) ela é simplesmente obnubilada com discursos de autoridade o que muitas vezes beira o microfascismo. Tudo isso na verdade funciona como mecanismo que a hegemonia de mercado desenvolveu para coibir qualquer tentativa de ligar a cultura Hip Hop à luta de classes, já que a orientação política liberal e pós-moderna (identitária) tomou conta das mentes e corações dos rappers que acreditaram no canto da sereia. Quem promove a crítica carrega o piano da culpa nas costas, é desmoralizado, ironizado e completamente descredibilizado diante dos outros.

Devemos pensar, no entanto, a crítica como a principal aliada dos rappers e da cultura Hip Hop como um todo, pois o conhecimento só pode avançar, se desenvolver e ser útil à sociedade se se pensa criticamente. E para a crítica ser fértil é preciso analisar a história. Como ainda prevalece o capitalismo, a história continua sendo a história da luta de classes. O problema aqui é que a luta de classes é muito mais complexa do que a clássica divisão entre burguesia (aqueles que detém o monopólio dos meios de produção) e proletariado (os que vendem sua força de trabalho para o burguês). São muitos os subalternizados que muitas vezes sequer vendem sua força de trabalho estando à margem das relações de exploração como é o caso dos despossuídos de tudo, ou lumpemproletariado. As mulheres, negros e pessoas com orientação sexual longe da normatividade conservadora, brancos pobres e pessoas de etnias distintas do branco (conservador católico) são subalternizados em níveis diferentes. A luta de todos esses

setores fez avançar diversas pautas importantes para cada segmento o que também ajuda e ajudou a compreendermos melhor o sistema capitalista e o seu funcionamento.

Muitas dessas lutas sempre estiveram presentes em outros contextos sociais e históricos. O protagonismo das mulheres em processos revolucionários como na Rússia em 1917 ou na Espanha em 1936 foi fundamental para o sucesso das lutas empreendidas naqueles momentos. Isso começa a mudar significativamente a partir da década de 60 justamente com a crise do(s) partido(s) comunista(s) devido a um sem número de questões como a burocratização e sua incapacidade em dar respostas concretas às necessidades dos trabalhadores. É neste contexto, principalmente no Maio de 68 na França, que se fortalece o pós-estruturalismo que abandonou a principal categoria do marxismo: a totalidade. É então que se abandona a ideia de revolução em detrimento das resistências e revoltas buscando cada qual à sua forma lutar contra as opressões de forma apartado das demais lutas históricas. Essa batalha é também uma batalha no campo das ideias, pois o pós-estruturalismo luta contra o marxismo. Na minha dissertação de mestrado analisei o discurso pós-moderno a partir do rapper Filipe Ret, que abraçou todos os valores do capitalismo o que agradou sobremaneira um público amplo sedento por frases ocas sem qualquer apreço pelo enfrentamento contra a classe dominante. Ret se tornou um sucesso após se plastificar conquistando sobretudo crianças ainda carentes de identidade. Pensemos agora os aspectos gerais do capitalismo...

O capitalismo é um sistema moderno, ou seja, está situado a partir do século XVI em diante, fundamentalmente. O capitalismo é produto das revoluções burguesas. A burguesia derrotou o Antigo Regime e construiu uma sociedade baseada na ideia de que todos são iguais perante a lei e que a liberdade é o valor mais nobre e importante de todos. Mas essa liberdade no capitalismo quer dizer liberdade de mercado. Você é livre, por exemplo, para tomar um café na França e desfrutar de todas as maravilhas do mundo desde que a sua posição social lhe permita. Enquanto você não alcança este patamar a sua liberdade se restringe ao roteiro cotidiano do trabalho, casa, diversão local e barata repetindo o ciclo até o desgaste completo das suas forças. Mas é concomitante ao advento do capitalismo que também surge a classe trabalhadora e é neste processo que sua consciência revolucionária se desenvolve e se expressa como teoria revolucionária com o desenvolvimento do materialismo histórico dialético. O marxismo foi apropriado por um sem número de segmentos o que muitas vezes resultou

na sua completa negação como é o caso dos social democratas. Os autonomistas, por exemplo, promovem uma dura crítica aos bolcheviques como principais responsáveis pela vulgarização do marxismo e são justamente os bolcheviques que vão estruturar o partido comunista que acabou tendo êxito na tomada do Estado, mas não na sua superação, pois percebeu-se que o objetivo central do partido é justamente o controle do Estado dando uma nova roupagem ao capitalismo: o capitalismo de Estado. Mas mesmo com todas essas contradições é possível reconhecer que os trabalhadores tinham consciência de classe, ou seja, reconheciam o seu lugar na divisão social do trabalho e lutam contra o capitalismo.

Com o advento da pós-modernidade temos o que denominamos lutas identitárias que carecem de consciência de classe tendo cada setor sua consciência específica. Isso quer dizer que outras teorias entram em cena reorientando as lutas sociais. Mas como, por exemplo, a luta dos negros que está imerso num contexto econômico colonial que desembocará nas afluentes do capitalismo internacional pôde se resumir às meras lutas identitárias? Há muitas polêmicas neste debate e dentro dos meus limites vou tentar elencar aqui esse conjunto de problemas e discuti-los de uma forma compreensível ainda que seja necessário o uso de uma teoria e, como se sabe, faço uso do materialismo histórico-dialético. Para Lucas Maia, "os conceitos fundamentais do materialismo histórico são: modo de produção (relações de produção e forças produtivas), formas de regularização (filosofia, política, estado, etc.), luta de classes (motor, alavanca, força motriz da história)."

O Hip Hop surge a partir de uma contradição do capitalismo: racismo e exclusão social em forte contraste com a ascensão do modelo liberal. O racismo é um problema da ordem estrutural e isso quer dizer que enquanto houver capitalismo haverá racismo. Ou seja, podemos ter governos liberais, social democratas ou fascistas, mas o racismo continuará intocado regendo as relações de dominação. Para Silvio Almeida,

> O racismo, que se materializa como discriminação racial, caracteriza-se pelo seu caráter sistêmico e, desse modo, não pode ser definido como um ato ou conjunto de atos, mas como um processo em que as condições de subalternidade de um grupo racial e, por outro lado, de privilégios de outro, encontram condições de reprodução nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. Pode-se dizer que o racismo é uma lógica, pois dá sentido às mais diversas relações sociais, especialmente às de poder. Nessa vereda, o racismo pode ser um elemento normalizador, que confere "naturalidade" às mais diversas formas de violência e exploração, seja no campo político propriamente dito (segregação, extermínios, genocídios, guerras, etc), seja no campo

> econômico (trabalho compulsório, superexploração do trabalho, desigualdade salarial etc).

Marcio Farias em Formação do Povo Brasileiro e a Questão Negra afirma que

> No período colonial, não se dizia escravo para designar o cativo, e sim negro. Essa coisa-mercadoria chamada negro compõe a produção colonial. Em suma, toda a complexidade da experiência anterior à entrada desse sujeito no complexo colonial é destituída de validade. A palavra negro congrega a violência que justifica o ato em si e a consequência da escravização. Negro significa não ser, representa a destituição da ontologia de todo um amplo grupo populacional.

Nesse sentido, o Hip Hop é ele mesmo parte dessa ontologia do negro, sua história e luta por emancipação. Há uma polêmica entre os estudiosos do tema de que a cultura não tem em sua gênese um posicionamento anti-capitalista o que justificaria de certa forma o seu esvaziamento contumaz ou os seus descaminhos, mas essa não chega a ser a questão central já que as culturas desenvolvem-se ao longo do tempo avançando e retrocedendo de acordo com o contexto social. O que tornou a cultura Hip Hop inimiga da revolução social e do pensamento crítico foi o processo de mercantilização. Neste jogo de negociações o capital prevaleceu. De uma forma ou de outra o Hip Hop é uma cultura de resistência inventada pelos negros e logo em seguida apropriada por demais segmentos subalternizados na sociedade capitalista. A cultura, portanto, transformou-se num instrumento de luta para mais tarde ser confinada como mercadoria. No Brasil o processo de mercantilização transmutou valores e pautas fundamentais da cultura a ponto de subverter seus propósitos sociais alinhando-se com as necessidades do capitalismo por meio do consumo seja de mercadorias ou ideias, posturas e estéticas.

O contexto social neste momento de pandemia tendo como força governamental um setor altamente reacionário e golpista com o agravante de uma crise estrutural do capitalismo jamais vista pela humanidade nos coloca a pensar qual é a posição que devemos ter para que de alguma forma possamos fazer frente ao problema que exige organização e esforço coletivo. Onde a cultura Hip Hop se localiza neste contexto? Que contribuição pode oferecer à sociedade? Nem todos conseguem enxergar a gravidade da situação social com clareza, mas podemos afirmar com toda segurança que o que está colocado é a barbárie expressa no domínio do capital sobre a vida num movimento

muito bem urdido pelo fascismo hodierno. Não a toa o Brasil é neste momento o epicentro da pandemia em todo o mundo. Há uma explicação histórica e científica para isso. A miséria humana desde o advento da modernidade é resultado direto do capitalismo. Segundo Giovanni Alves,

> Enquanto modo de controle do metabolismo social, o capital apresenta-se, desde a sua origem histórica, como uma relação social que se tornou sistema de controle fetichizado expansionista, incontrolável, incorrigível e insustentável através da contingência da política. No decorrer da sua temporalidade histórica, estas características estruturais da relação-capital, explicitaram-se, com vigor, na medida em que se compôs o sistema mundial produtor de mercadorias.

Imediatamente podemos perceber que os desafios não são pequenos e não se circunscrevem obviamente somente ao âmbito da cultura, mas sim de toda a sociedade afetando sobremaneira as populações pobres periféricas e negra. Para que haja tal esforço é preciso uma orientação política para a cultura Hip Hop em tempos de pandemia e pós-pandemia. Essa orientação não evitará confrontos internos e externos como dito anteriormente. Ainda que existam setores da resistência, internamente sabemos que a cultura Hip Hop foi tomada pela lógica do capital, pelo liberalismo, competição e relativização ou apagamento das lutas revolucionárias. O que prevalece são as lutas identitárias que foram completamente tragadas pela lógica do capitalismo o que acaba funcionando como um meio termo entre a resistência e a subserviência agradando tanto os subalternos como os setores dominantes. Os astros do rap cresceram defendendo o mercado, o capitalismo e o corporativismo, promovendo propaganda para bancos e grandes empresas com o discurso fajuto da inclusão. Tudo que desejam é o sucesso; detestam a crítica e o conhecimento incrivelmente é o que mais rejeitam. São nada mais que liberais e deveriam ser honestos o suficiente para se assumir enquanto tal.

Em texto de 2017 para o site Bocada Forte afirmei que o capitalismo é um sistema econômico em profunda mutação e que a sua principal característica é a flexibilidade e capacidade de adaptação. Mas, ele não se resume somente aos pressupostos econômicos. É claro que no período inicial de sua formação e desenvolvimento ainda não pressupunha a captura dos desejos. O capitalismo de hoje opera nas relações objetivas e subjetivas da sociedade moderna. Daí então, a dificuldade para se compreender e superar o sistema. Michel Löwy, em diálogo com Benjamin, afirma que o capitalismo é uma religião onde o mediador universal (o dinheiro), e só

através dele, permite o acesso ao grande elemento sagrado do capital: a mercadoria. A mercadoria, no capitalismo, possui dois atributos essenciais: valor de uso e valor de troca. É uma religião, portanto, não pode ser profanado. Expropriar uma mercadoria, ocupar espaços públicos é subverter a lógica de funcionamento do capital. Quem garante todo esse funcionamento no caso de profanação são os aparelhos de Estado ou instituições como a justiça burguesa e as forças coercivas.

Tem havido enorme esforço por parte dos liberais e ultra-liberais em suavizar determinadas leituras e entendimentos com a intenção de relativizar ou até mesmo (principalmente por parte dos ultra-liberais e consequentemente setores fascistas) inverter a compreensão do que vem a ser capitalismo, numa tentativa de legitimar o sistema em forte oposição às ideias de esquerda, produzindo uma leitura de que tal sistema é a última forma de sociabilidade humana. Na verdade esses setores querem manter as coisas como estão. A luta de classes nessa leitura perde o foco principal cabendo ao indivíduo os rumos da sociedade o que é completamente falso. Essa é uma tentativa de negar o motor da história e da problemática relação entre capital e trabalho principalmente no que diz respeito à exploração direta dos trabalhadores que são os que verdadeiramente sustentam o sistema e não o empresariado como afirmam os liberais. O fato é que estamos em guerra, ou melhor, o capital está em guerra contra os trabalhadores. Para que exista capitalismo, diz Afrânio Mendes, "faz-se necessária a concentração da propriedade dos meios de produção em mãos de uma classe social e a presença de uma outra classe para a qual a venda da força de trabalho seja a única fonte de subsistência." Propriedade privada e divisão social do trabalho e troca são, portanto, características fundamentais do capitalismo que opera por meio da concentração de recursos e exploração indefinida da força de trabalho alheia.

Recentemente uma polêmica veio à tona. Devemos ou não ir às ruas? E por que? Naturalmente que muitos rappers se posicionaram e defenderam seus posicionamentos. Alguns optaram por se posicionar presencialmente nos atos o que foi visto como uma divergência no seio da cultura Hip Hop, mas que depois se tentou mostrar que não era bem assim. Foi dito também que houve uma tentativa da "esquerda branca" de criar uma rivalidade artificial entre os negros como forma de enfraquecer o movimento. Vou aproveitar essa polêmica para irmos além do espetáculo.

Qual seria a forma mais eficaz no combate a uma pandemia como essa que estamos vivenciando agora? Naturalmente, já que a vacina ainda não está disponível, é garantir que a população fique em casa evitando maiores contágios a fim de controlar a situação até que haja cura e a única estrutura capaz de ofertar isso em nível de toda federação é o Estado. Mas como o Estado é um aparato da classe dominante isso está muito distante de acontecer. Segundo Eliezer Pacheco,

> A existência do Estado está ligada à existência da sociedade de classes, existindo sempre na e por causa da sociedade de classes. Dessa forma, ao Estado compete o equilíbrio da sociedade, atuando sempre no sentido de sua reprodução enquanto tal, "condensando" as contradições sociais nos diversos níveis, pois para ele convergem as forças em choque. Este equilíbrio estabelecido pelo Estado não é, entretanto, no sentido de satisfazer equitativamente as demandas das diferentes classes sociais mas, ao contrário, de garantir a sobrevivência do projeto histórico das classes dominantes.

O Brasil hoje lidera o ranking de mortos por covid-19 em todo o mundo, resultado de um completo descaso por parte do Estado brasileiro que supostamente deveria ser o primeiro a garantir tais condições. Por mais que tenhamos claro que o governo Bolsonaro é absolutamente fascínora, a responsabilidade não cabe somente a ele, mas a todo o Estado burguês e seus aparatos. O que vem ocorrendo é o massacre brutal da polícia contra populações periféricas, torturas de policiais sendo filmadas e postadas nas redes sociais e todo tipo de brutalidade promovido pelo conjunto das forças repressivas. Regina Célia Pedroso em seu livro Estado Autoritário e Ideologia Policial afirma que

> A mentalidade autoritária no Brasil teve como pressupostos básicos o modelo jurídico, o poder centralizado e elitizado e a organização das forças policiais que se incumbiram de perseguir as camadas sociais desprivilegiadas. Ordem pública e segurança interna encontram-se na raiz da construção da ideologia de Estado.

Essa conjuntura tem cada vez mais se acentuado enquanto vemos covas sendo abertas para dar conta do número de mortos. A barbárie é uma realidade e se apresenta de forma explícita. A baixa letalidade que o rapper Emicida afirmou no Faustão não parece corresponder com a realidade. E mesmo que a letalidade fosse baixa ninguém poderia morrer por conta do sucateamento da saúde pública para atender aos interesses dos capitalistas. Nesse sentido, Emicida vem se prestando a uma série de desserviços, desencorajando a luta, despolitizando o debate com posições absolutamente rasas, mas

certeiras na defesa dos seus interesses, já que os rappers liberais não têm compromisso com a radicalização das lutas sociais e tampouco com a necessária organização dos trabalhadores no enfrentamento contra o capital. Suas prioridades são os negócios. Se não há condições mínimas da manutenção da vida da população negra, pobre, periférica, é preciso que os oprimidos lutem contra a barbárie que impera contra suas vidas. O próprio contexto sócio-histórico coloca as classes sociais em confrontos permanentes e dependendo há tensões e acirramentos. Se o Estado age contra a população é necessário fazer frear essa força ofensiva contra todos nós. É claro que há uma série de fatores que torna essa luta singular, pois as condições normais agora são de confinamento e isso torna ainda mais importante a organização dos setores dispostos à luta como forma de compensar a defasagem dos que precisam estar em casa. O que está colocado é uma ofensiva do Estado contra a população potencializando a letalidade do vírus.

Emicida, nacionalmente conhecido, publicou um vídeo de sete minutos promovendo uma reflexão sobre as manifestações do dia 7 de junho em todo o Brasil desestimulando a mobilização popular justamente num forte momento de ebulição e convulsão social onde a luta e a consciência forçam o avanço apesar de todos os percalços. Seu argumento baseia-se em que o povo ainda não está preparado para um enfrentamento dessa ordem e que é preciso canalizar a revolta em outras frentes, mas tais frentes não foram exploradas em sua fala. Ele aponta a forte disposição da direita em promover infiltração e implosão das manifestações o que pode consequentemente gerar prisões e até mortes. Segundo Emicida, os mais prejudicados numa ação dessas seriam os desfavorecidos socialmente, que teriam consequências incalculáveis por conta do aumento substancial do contágio nas favelas que são os territórios mais afetados pela pandemia. Qualquer aglomeração agora, diz, “por mais legítimo que seja o motivo é pular na ciranda da necropolitica e levar uma onda de contágio pior do que essa que já tá pra dentro das comunidades onde vive quem a gente ama. Isso é parte do plano deles.” O crescimento estimado para os próximos dias é de 150% no número de casos e o rapper nesse sentido responsabiliza os governantes que segundo ele deveriam estar protegendo as pessoas.

Infelizmente Emicida por não ter consciência de classe esquece-se que governo nenhum (seja de esquerda ou direita) favorecerá as lutas dos oprimidos. Seu pensamento liberal resume-se em compreender a realidade longe dos conflitos de classe. O aumento do número de casos e mortes por covid seguirá independente dos antifascistas estarem

nas ruas ou não. A luta nas ruas, portanto, se faz presente como resposta ao próprio contexto sócio-histórico que empurra as diferentes classes a defender seus interesses para a manutenção da própria vida por parte de uns enquanto outros prezam pela destruição dessas vidas. Os riscos sempre fazem parte da luta. A única luta que exime homens e mulheres de qualquer prejuízo é a luta institucional que funciona por coalizações (justamente como aponta o rapper) que captam as insatisfações populares capitalizando para o parlamento burguês. Os riscos da luta pela emancipação não são maiores do que os riscos da escravidão imposta pelo capitalismo. Não há mais risco de golpe de Estado. O que está em curso é tão-somente o desenrolar de uma ditadura. Bolsonaro e seu governo já deixou claro que os que não concordam com ele devem se curvar. O setor progressista cinicamente busca ressuscitar um estado democrático que já faleceu a muito tempo protocolando impeachments que não vão dar em nada pois é o interesse do capital que está em jogo. Ao invés de desestimular as lutas populares devemos estar presentes e sim se organizar, transformar os atos em manifestações sistemáticas e não ceder à democracia burguesa e ao capitalismo que cooptou as mentes e os corações inclusive de setores que um dia já foram da resistência como é o rap.

Como lutar em tempos de pandemia? Em primeiro lugar devemos olhar para o mundo e não apenas para a nossa realidade local. O capitalismo é um sistema global, globaritário como coloca Milton Santos, e as formas de luta contra tal sistema vêm se desenvolvendo desde seu surgimento. Não há uma única forma de lutar contra o capitalismo. O Hip Hop, por exemplo, está circunscrito na luta cultural e popular. Não é apenas com um exército proletário enfrentando a violência estatal que se supera o capitalismo. Mas os trabalhadores também não podem abdicar do uso da violência. Geroge Floyd, mais um negro foi assassinado pela polícia dos EUA. O agente da lei praticamente posa para a câmera. O registro acontece sem nenhuma interferência na ação brutal. Há um sentimento de invencibilidade por um lado e por outro de completa impotência diante da barbárie. Por mais que no dia seguinte a população tenha se levantado contra a injustiça flagrante, a tranquilidade por parte dos agentes da lei continua intocável. O exemplo de Minneapolis mostrou na prática que sem ir às ruas nenhuma ação concreta contra a truculência gratuita do Estado seria feita. As redes virtuais e a internet de uma forma geral no máximo serviram para gerar a indignação, mas a luta continua se dando nas ruas, ainda que em período de pandemia.

No Brasil não está acontecendo nada diferente. Podemos até reconhecer que a questão do racismo nos EUA tem sua singularidade, mas a PM, a Polícia Civil e a Polícia Federal não estão abaixo no que diz respeito a executar com acuidade o morticínio da população mais vulnerável. E por que há tantos assassinatos que permanecem de forma impune? Por que a polícia continua matando e nada acontece contra o Estado e seus agentes? Como se consegue manter este sentimento de invencibilidade de forma intocável? Há diversos estudos e textos sobre a polícia e sua história. Somente de passar os olhos nesses escritos percebemos que ao longo de toda a história estes homens agiram de forma inescrupulosa, são condecorados e quando o escândalo é muito grande eles são colocados em setores burocráticos ou são "demitidos". A falácia dos IPM´s. Dentro de seus blindados, portando fuzis, ameaçam constantemente a população enquanto apoiam descaradamente o golpe de estado e a extrema-direita. Como se não bastasse a ameaça de uma doença mortal temos a inconsequente violência policial que atua de forma cirúrgica no desmantelamento de toda e qualquer vontade de luta, pois eles matam, ameaçam e se fazem valer por meio da força a contenção social.

Quanto menos mobilizações contra a truculência, mais morticínio contra pobres, negros e periféricos, jovens, homens e mulheres, trabalhadores. Se a polícia mata, ela não pode sair impune. Dessa forma apenas se perpetua a opressão. Com relação a ala "democrática" da polícia, os antifascistas, não se iludam, nada farão contra este problema histórico. Apenas amenizarão aqui e ali usando a mesma estrutura podre do estado, a jurisdição burguesa, o fictício "estado democrático". Isso quer dizer que os trabalhadores devem contar apenas com suas próprias forças, afinal de contas policiais não são trabalhadores. São opressores e ponto final. A luta em tempos de pandemia também se dá nas ruas, já que o Estado brasileiro está negando de forma peremptória ajudar os mais necessitados. Mas lutar nas ruas já se mostrou algo extremamente perigoso, pois a polícia não pensará duas vezes antes de matar a população. O dilema neste caso é perigoso e aponta para um desgaste social que somente resultará em mais massacre. Já se fala abertamente em guerra civil dos dois lados o que é algo completamente possível de acontecer em pouco tempo, pois este estado de coisas vem acontecendo em diversos países no mundo, como na Ucrânia. Não se trata, portanto, de achismos ou opinião de um ou outro intelectual. É o que está na ordem do dia. É bom também ficarmos atentos para o que significa uma guerra civil no Brasil dado as

condições históricas e conjunturais do país. Significa a união do Estado, milícias e setores organizados da extrema-direita massacrando trabalhadores.

Nós, que fazemos parte da cultura Hip Hop, precisamos pensar o contexto sócio-político e nessa análise pensar o papel da cultura negra de resistência em tempos de pandemia e fascismo onde o racismo estrutural fala alto condenando milhares de negros à morte e miséria. Fazer isso é pensar o compromisso que está na boca de todos, mas que em muitos casos não passa de mero discurso. Vamos ter que tencionar com opiniões divergentes no seio da própria cultura Hip Hop como forma de reorientar suas ações e mesmo que a hegemonia de mercado tenha ódio à crítica e de ser criticados devemos nos colocar de forma contundente abandonando de vez os acordos políticos internos em favor de políticas que em nada contribuíram para a emancipação humana. O compromisso não é com o capital. Não pode ser. Não são os negócios que estão em questão, mas sim a luta contra um sistema altamente opressor e mortal e suas armas estão voltadas para nós, artistas, homens e mulheres, jovens, pobres, periféricos, negros e brancos pobres, indígenas, LGBT´s, comunistas e os trabalhadores de uma forma geral. Essa coisa de "eu respeito a sua opinião e todos estão certos e vocês só querem dividir os pretos" é um discurso absolutamente frágil e nefasto, pois se olharmos atentos a única forma de derrotar o inimigo é defendendo a derrubada do capitalismo. São múltiplas forças, portanto, organizados enquanto classe trabalhadora com seus vários setores que farão a revolução.

A revolução deve entrar em nossas pautas, mas para defender a revolução precisamos nos apropriar de uma teoria revolucionária. A maioria dos rappers infelizmente ainda não nos oferece uma crítica contundente ao capital. O fascismo é tão-somente um dos modos operandi do sistema capitalista. De toda forma o Estado burguês é sempre autoritário independente do governo em questão. Isso quer dizer que nós da cultura vamos ter que politizar nossas frentes e não temer tensões, pois não são todos que defenderão a revolução. Há um setor forte comprometido com a pós-modernidade, com o neoliberalismo tendo completa aversão ao marxismo como única teoria revolucionária capaz de responder aos anseios dos oprimidos. O rap, como elemento inquestionavelmente destacado, é uma expressão das mais despolitizadas. Na verdade ele se despolitizou, pois comprometeu-se com o empreendedorismo e com valores liberais sem se preocupar que as crises do capital são devastadoras contra os mais pobres. Isso fez com que muitos ganhassem respeito na cena, mas descolou a cultura do

seu compromisso histórico que é o compromisso com a emancipação humana. O importante agora é defender os nossos interesses e isso se faz com força social.

Arthur Moura (2020)